

EUROPA,
ATLÂNTICO
E O MUNDO
MOBILIDADES, CRISES,
DINÂMICAS CULTURAIS

PENSAR COM

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

EUROPE, THE ATLANTIC AND THE WORLD
MOBILITY, CRISES, CULTURAL DYNAMICS

THINKING WITH MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

COORDENAÇÃO

ISABEL MARIA FREITAS VALENTE

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
2017

**PORTUGAL E A IDEIA DE «EUROPA»
DE SALAZAR À CRISE DE UMA «GRANDE ILUSÃO»***

Luís Reis Torgal

Professor Catedrático Aposentado da FLUC
Investigador do CEIS20-UC
E-mail: lrtorgal@netcabo.pt

Resumo

A ideia de Europa não é — como se sabe — estritamente própria do processo dito “europeu” do pós-guerra, que vem do século XIX, se formou depois da II Grande Guerra e a que Portugal pôde aderir em 1986. A ideia de uma “nova Europa” surge também, com todo o seu caráter carismático, no Fascismo, e o Portugal de Salazar aceitou-a na sua dimensão “ocidentalista”, sem perder de vista a sua linha colonial que se projetava para África e para o “Oriente”. A “Europa” formou-se e desenvolveu-se mais como pragmatismo económico do que como ideia cultural. A crítica a essa realidade afinal é anterior à própria formação da CEE, vinda da “direita” ou da “esquerda”. Hoje é evidente a “crise da Europa”, como serão notórias as tentativas, até agora pouco conseguidas, de a ultrapassar. É este, sumariamente, o tema deste artigo de síntese em que se procura homenagear a nossa colega Maria Manuela Tavares Ribeiro, que se tem dedicado a estas questões, as quais tantas interrogações projetam no presente.

Palavras-chave: Portugal; Europa; Salazar; Crise

* O autor deste estudo não escreve de acordo com o AO90. A sua aplicação neste texto resulta das normas editoriais do volume.

Abstract

As is well known, the idea of Europe is not strictly unique to the so-called “European” post-war process, which dates back to the 19th century, took shape following the Second World War and to which Portugal acceded in 1986. The idea of a “new Europe” also arose, with all its charismatic nature, during the fascist dictatorship, and Salazar’s Portugal embraced it in its “westernizing” dimension, without losing sight of its colonial policy planned for Africa and the “East”.

In fact, “Europe” took shape and later developed more as a form of economic pragmatism than as a cultural idea. After all, criticism to this reality, both from the political “left” and “right”, predates the very creation of the EEC. Today, the “crisis of Europe”, along with the thus-far unsuccessful attempts to overcome it, is clear to all. In short, such is the subject of this summary paper written as a tribute to our colleague, Maria Manuela Tavares Ribeiro, who has devoted herself to the study of these matters, which continue to pose many questions in present times.

Keywords: Portugal; Europe; Salazar; Crisis

A ideia de Europa no Estado Novo

Curiosamente, o n.º 1 (março de 1938) da série documental de cinema *Jornal Português* (agora felizmente editada em DVD) começa com duas cenas bem sintomáticas: a primeira, com a visita a Lisboa de um cruzador (*Deutschland*), “símbolo da força de um grande povo” (como dizia o locutor), e de dois submarinos, da Marinha Alemã, com o seu estandarte nazi, que vieram a Lisboa reforçar as “relações de boa amizade” entre as duas nações; e a segunda, a chegada ao Tejo, em “visita oficial”, de unidades da marinha britânica (*Home Fleet*), contratorpedeiros e couraçados, símbolos do “domínio dos mares” pela Inglaterra, “para o seu e nosso bem” (conforme afirmava a locução). Noutros momentos, foi festejada a vinda a Lisboa de uma delegação fascista, com a visita dos próprios filhos de Mussolini.

A neutralidade não era um ideal nem apenas uma simples estratégia, mas uma ideologia do Estado Novo. Ou seja, Salazar procurava, aceitando a velha Aliança Britânica, colocar-se numa posição de defesa de uma “Nova Europa” ou de uma “Novíssima Europa”, que cruzasse de forma quase impossível o autoritarismo, o antiliberalismo, o antidemocratismo e o anticomunismo, com as boas graças da Inglaterra e da sua monarquia liberal, considerada, todavia, tradicional e não revolucionária.

A ideia de uma “Nova Europa” surgia quer na ideologia de tradicionalistas católicos, por exemplo em Gonzague de Reynold, como na conceção fascista que, inclusivamente, levava a efeito congressos para discutir o tema¹. Considerando Portugal como um caso político próprio e “original” – todos os nacionalismos tomavam obviamente idêntica posição –, onde se afirmara um corporativismo de fundo católico, Salazar, que conhecia essas ideias e recusava a velha conceção democrática dos “Estados Unidos da Europa”², ansiava por uma Europa formada por Estados autoritários diferentes (“Estados fortes”) que apresentariam como metas fundamentais, numa “terceira via”, a recusa formal do capitalismo liberal e a luta contra o comunismo. Daí que, mesmo depois da guerra, Salazar não deixaria de valorizar a Alemanha como “fronteiro do Ocidente” na batalha contra os regimes soviéticos, que estavam para lá da “cortina de ferro”³.

Em sentido geoestratégico, pensava numa Europa “atlântica” e “ocidental”, virada também para África, onde estava a maioria das suas colónias, depois apelidadas de “províncias” do Ultramar, e para a América, nomeadamente para o Brasil e mesmo para os Estados Unidos, cuja liga-

¹ Esses congressos já se vinham a realizar antes. Gonzague de Reynold fala-nos da sua presença num que se efectuou na Academia Real de Itália em novembro de 1932 (*L'Europe Tragique*, p. 393). As atas desse congresso foram publicadas: Reale Accademia d'Italia, Fondazione Alessandro Volta – *Atti dei convegni. Convegno di scienze morali e storiche 14-20 novembre 1932, XI. Tema: Europa*. Roma: Reale Accademia d'Italia, 1933.

² “Independência da Política Nacional”, discurso proferido numa das salas de São Bento, em 21 de fevereiro de 1936, Oliveira Salazar, *Discursos*, II, p. 117.

³ “Miséria e medo. Características do momento actual”, discurso proferido numa sala da biblioteca da Assembleia Nacional em 25 de novembro de 1947, *Discursos*, IV, p. 289 ss..

ção recuperara no seu período áureo da “guerra fria”⁴, depois de os seguidores de Salazar os terem considerado outrora, pejorativamente, como campeões exemplares de um liberalismo capitalista, pouco adequado à “política do espírito” que diziam seguir. Embrenhado nestas ideologias que apontavam, por isso, para uma “Novíssima Europa”, Salazar morreu politicamente no final dos anos 60, depois de ter colaborado na formação da NATO (1949), de ter aceite integrar a ONU (1955), pelas mãos do Reino Unido e dos Estados Unidos, e a EFTA (1960), organização económica de comércio livre que não lhe criaria pressões de natureza política. De resto, potências como as que acabámos de citar, e mesmo a França, aceitavam o Estado Novo como um “autoritarismo leve” que convinha que se mantivesse na Europa, na qual os “seis” (França, Itália, Alemanha, Luxemburgo, Países Baixos e Bélgica) organizavam, em 1957, a Comunidade Económica Europeia (CEE) ou, de forma mais vulgar, “Mercado Comum”.

Por isso Salazar, na sequência da sua ideologia “fascizante” inicial (“ou Roma ou Moscovo” – como opinavam os seus apoiantes, de que é exemplo António Ferro⁵), considerava que depois da guerra a Europa experimentara um “retrocesso”⁶. Além de ressurgir nela o conceito de democracia (democracia política, assente no sufrágio universal e livre e na formação de partidos, e não democracia cristã de tipo corporativo, que defendera desde os anos da sua juventude), afirmavam-se no contexto internacional a União Soviética e os Estados satélites que faziam renovar o comunismo e pressionavam a opinião pública contra o colonialismo português. Por isso acabou por afirmar-se “orgulhosamente só” na luta por essa “Europa” ou por esse “Ocidente” que jamais poderia vir a constituir-se⁷.

⁴ “Portugal no Pacto do Atlântico”, discurso proferido na sala de sessões da Assembleia Nacional, em 25 de julho de 1949, *Discursos*, IV, pp. 419-420.

⁵ Vide António Ferro, “Esquerda e direita”, *Diário de Notícias*, 7 de novembro de 1932.

⁶ “Votar é um grande dever”, discurso proferido numa das salas da biblioteca da Assembleia Nacional em 7 de outubro de 1945, *Discursos*, IV, p. 175.

⁷ “Erros e fracassos da era política”, discurso proferido na posse da Comissão Executiva da União Nacional, em 18 de fevereiro de 1965, *Discursos*, VI, p. 368.

Marcello Caetano também não se desenvencilhou deste ideário, primeiro, porque o defendera de uma forma mais originariamente “fascista” do que Salazar e, em segundo, porque nunca se quis dele afastar em termos essenciais, nem conseguiu, devido à longa guerra colonial que teve de manter até ao fim do seu mandato. Quando muito, conseguiu criar, no início, uma imagem de “liberalização” – inclusivamente através da reafirmação do “Estado Social” – e de desenvolvimento económico e tecnológico, que possibilitou inclusivamente as suas negociações com a CEE. Assim, o marcelismo nem se afirmou (nem poderia fazê-lo) como “direita” neofascista, nem como aproximação à “esquerda”, ou seja, à democracia, mesmo apenas à democracia liberal.

A crise do socialismo e da social-democracia

Não se pense, porém, que apenas se verifica a desilusão de Salazar no pós-guerra. Também os socialistas democratas portugueses ficarão em breve desiludidos com o rumo dos acontecimentos, embora de modo bem diferente e por outros motivos. Se analisarmos os seus documentos de 1946 e 1947, verificar-se-á que consideram, numa lógica de defesa da democracia, entendida como afirmação de liberdade, mas também de igualdade e de fraternidade, que se estava a praticar uma verdadeira traição aos princípios do socialismo.

Isso seria tão evidente na Inglaterra com o Partido Trabalhista de Attlee (no governo de 1946 a 1951), como na França de Blum (1946-1947), apesar do maior significado aqui do comunismo, neste caso devido à influência da Igreja Católica e à pressão dos Estados Unidos de Truman (1945-1953), com o seu capitalismo liberal de *Wall Street*. Cada um a seu modo, os Estados Unidos e a União Soviética, teriam sido, afinal, os únicos vencedores, o primeiro de uma forma capitalista e o outro de um modo comunista de sistema. Daí que fizessem já então uma crítica à recém-criada ONU, que apenas prolongaria a incapacidade política da SDN.

Se aceitarmos o significado desta crítica, pensando no prolongamento desta alegada “traição” aos princípios, não nos admira que o “socialismo” e

a “social-democracia” de partidos, conjuntamente com o conservadorismo e a “democracia cristã”, ao virem a criar mais tarde a Comunidade Europeia e a União Europeia, pouco depois da entrada de Portugal na CEE (1 de janeiro de 1986), através do Ato Único Europeu (1986-1987) e do Tratado de Maastricht (1992-1993), acabassem por negar o socialismo democrático e a social-democracia, em resultado de toda uma organização burocrática de fundo economicista. Assim, não será apenas Margaret Thatcher (1979-1990) a representar o neoliberalismo, mas também Tony Blair (1997-2007) e o “socialismo moderno” de Giddens, influenciado pela família Friedman.

Na verdade, não se pense que foi apenas a recente queda de Wall Street (2007-2008) – recorde-se *The Big Short*, título original do excelente filme de Adam McKay, de 2015, baseado no livro homónimo de Michael Lewis, de 2010 – que acabou por originar a crise europeia. Obviamente que ela assenta numa lógica de base economicista e burocrática e da perda de cultura e de ética, cujas origens datam dos anos 80 ou mesmo dos anos depois da II Guerra Mundial, como procuraram recentemente interpretar cineastas como Ken Loach (*The Spirit of '45*, 2013) ou Gilles Perret, com o expressivo título mobilizador, próprio do período de 45, *Les jours heureux* (2013), “Os Dias Felizes”, a ilusão de “dias felizes” que se foi perdendo. Por terem antevisto essa situação, que bem conheciam, é que alguns universitários, entre eles historiadores, pensaram no referido movimento “Para a Europa Cultural”, que reforçaria um sentimento de cidadania nacional e europeia e deveria ter sido a razão de uma “outra Europa” em que o sentido de comunidade superaria a competição e o interesse. Hoje, no meio desta Europa em crise, limitamo-nos – filósofos e ensaístas, jornalistas, alguns economistas, politólogos, sociólogos, cineastas,... historiadores – a descrevê-la e a tentar apontar as suas causas.

A crise de uma “grande ilusão”. Uma nova esperança?

Como dizia François Furet, há momentos em que a História (ou seja, o movimento evolutivo do homem e da sociedade através do tempo)

parece avançar sem a esperança de que o Homem a pode dominar e a fazer encaminhar por uma via solidária. Em que – parafraseando Tony Judt – mesmo ideias nobres, como a de “Europa”, parecem perder o verdadeiro sentido e transformar-se em “grandes ilusões”, “ilusões” hoje em crise, perante a dureza da realidade e o evidente pragmatismo dos homens. São tempos em que os trabalhadores perderam a consciência do valor do seu trabalho e pequenos empresários deixaram de acreditar no significado do seu pequeno “capital” (quando ele existe), ao mesmo tempo que se hasteiam desafios pouco significativos, e com resultados nem sempre corretos, como “empreendedorismo” e “competição”. Em que as sociedades, sobretudo as mais ricas, parecem já não crer na “esquerda”, nem mesmo no conceito de “social-democracia”, e se deixam levar pela onda de uma “direita”, como algo de indefinido (que por vezes nem se quer denominar de “direita”), mas sempre em busca do lucro à custa do homem, pelo que tanto pretende desenvolver o consumismo como, noutro momento, quase institucionalizar a austeridade. Em que as finanças e uma economia de mercado, com as suas tendências para a exploração e para a corrupção, imperam sobre uma economia social. Em que o emprego e o trabalho deixaram, na prática, de ser considerados direitos naturais. Em que paira o fantasma de uma “democracia limitada” ou meramente formal. Em que refugiados constituem grupos sem cidadania e mesmo sem os direitos mínimos do ser humano, fazendo crer que renasce uma outra espécie de escravagismo, bem como o racismo ou os racismos. Em que religiões dizem lutar por “ideais” deixando de tolerar (e a intolerância atinge o extremo da violência terrorista) os que acreditam noutros “deuses”, mesmo os que acreditam nos mesmos “deuses” de modo diferente, ou os que não acreditam em nenhum. Em que o desenvolvimento científico e tecnológico vertiginoso (como sempre foi desde o século XIX) consegue incríveis sucessos, sobretudo nos campos da medicina e da comunicação, mas em que não se discute verdadeiramente o seu significado em termos de vida e de organização da sociedade, na qual se verifica mais a globalização do que o cosmopolitismo.

Em que a cultura e a educação deixaram de ser valores em si mesmos para ser mercadorias rentáveis ou simples títulos de decoração, numa “civilização do espetáculo”, cheia de estatísticas por vezes contraditórias. Em que... – não vale a pena continuar esta ladainha que, mais do que pessimista (como é costume chamar a este tipo de críticas, por quem pouco ou nada fez para alterar esta situação, mas que prezou sobretudo a sua “carreira”), considero realista.

Enfim, neste mundo complexo em que vivemos, é difícil interpretar a História e muito mais procurar conhecer qual é o seu futuro. Mas essa nunca foi a missão do historiador. O que lhe importa é analisar documentos para o conhecimento complexo do tempo em que foram produzidos e nos fazem pensar nos tempos difíceis em que estamos a viver. Isto porque se às utopias de 45 sucederam as angústias de anos posteriores, às nossas esperanças dos anos 60 e 70 – sempre à procura da legítima ideia de liberdade num tempo de autoritarismos e adormecidos por um capitalismo de rosto aparentemente humano – seguiram-se novas “traições” do socialismo democrático e da social-democracia, e evidentemente do cristianismo social, e a viragem do capitalismo (sempre em crise e sempre também em processo de revitalização) de um capitalismo de consumo para um capitalismo de defesa da austeridade. Mas que é também de defesa cada vez maior das privatizações, do consumismo de quem pode consumir e da riqueza ostensiva de alguns.

Particpei, a convite do nosso reitor honorário Professor Ferrer Correia, em novembro de 2003, no Mosteiro de São Francisco, em Coimbra, num Seminário Internacional que se chamava “Europa. Futuro do Passado”. Nele fui comentador, no painel “Identidade e cultura europeias”, das conferências dos Professores Maria Helena da Rocha Pereira, conhecedora profunda das origens helénicas da democracia, e Michel Wieviorka, conhecido sociólogo. Hoje, se participasse num outro colóquio idêntico, creio que se deveria apelidar de “Europa. Passado do Presente”. Se o futuro era ainda promissor em 2003, na altura em que se discutia a Constituição Europeia, hoje estamos apenas num presente que

pouco promete para o Futuro, a não ser que a Europa tenha a coragem de mudar o seu “sistema”.

Todavia, vão começando a surgir, neste pântano, tentativas de mudanças políticas, movimentos diversos, de cidadãos ou de personalidades em luta franca contra esta “Europa” ou que, considerando a sua importância, pretendem requalificá-la através de uma democratização. Disso é exemplo o Movimento para a Democracia na Europa 2025 (DiEM25), proposto pelo ex-ministro grego Yanis Varoufakis, a que aderiram alguns intelectuais e políticos portugueses, como Boaventura de Sousa Santos e Rui Tavares. Mas, já se diz – talvez com alguma razão, como se poderá dizer desta minha interpretação – que se pode com ele relançar um debate, mas não se apresentam respostas, sempre difíceis de encontrar, para se concretizar os seus objetivos.

Seja como for, parece às vezes voltar a “Grande Ilusão”, afinal velha utopia ou apenas “eldorado”, de que procurámos desenhar, em grandes linhas, alguns traços da sua crise.

A História é, na verdade, uma espiral ou... até um labirinto, e nunca uma linha reta com que sonharam ideologias de todas as tendências desde o século XVIII.

Referências bibliográficas

- CASTILHO, José Manuel Tavares – *A Ideia de Europa no Marcelismo (1968-1974)*. Lisboa: Afrontamento, 2000.
- FRIEDMAN, David – *The machinery of freedom: guide to a radical capitalism*. Nova Iorque: Harper & Row, 1973.
- FRIEDMAN, Milton e Rose – *Capitalism and freedom*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- FRIEDMAN, Milton e Rose – *Free to choose: a personal statement*. Nova Iorque: Avon Books, 1981.
- FURET, François; NOLTE, Ernst – *Fascismo e Comunismo*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- GIDDENS, Anthony – *The third way: the renewal of Social Democracy*. Cambridge: Polity Press, 1998.

- Jornal Português. Revista Mensal de Actualidades*, SPAC (Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas, L.^a), 1938-1951. Edição em DVD: Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 2015.
- JUDT, Tony – *Uma Grande Ilusão? Um Ensaio Sobre a Europa*. Lisboa: Edições 70, 2012.
- LLOSA, Mário Vargas – *A civilização do espectáculo*. Lisboa: Quetzal, 2012.
- LOACH, Ken – *The Spirit of '45*. [Registo vídeo]. Reino Unido: Fly Film Company, 2013.1 DVD (1 h., 34 min.).
- LOURENÇO, Eduardo – *Nós e A Europa ou as duas razões*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.
- MASTELLONE, Salvo (A cura di) – *Un appello per l'Europa della cultura*. Florença: Università Firenze, 1989.
- MCKAY, Adam – *The Big Short*. EUA: Paramount, 2015. 1 DVD (2 h., 10 min.).
- VILELA, António da Costa Lobo – *O debate socialista no fim da Segunda Guerra. Documentos sobre a União Socialista*. s.l.: Poética Edições, 2016.
- MORIN, Edgar – *Pensar a Europa*. Lisboa: Europa-América, 1987.
- MOVIMENTO PARA A DEMOCRACIA NA EUROPA 2025 (DiEM25). Disponível em: <http://www.diem25.org>.
- PERRET, Gilles – *Les Jours Heureux*. Documentário. França, 2013. 1 DVD (1 h., 37 min.).
- PUREZA, José Manuel – *Desobedecer à União Europeia*. s.l.: Deriva Editores, 2015.
- REYNOLDS, Gonzague de – *L'Europe tragique: la révolution moderne, la fin d'un monde*. Paris: Spes, 1935.
- RIBEIRO, Maria Manuela – *António Pedro Lopes de Mendonça. A obra e o pensamento*. Dissertação de Licenciatura. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1974.
- RIBEIRO, Maria Manuela – *Portugal e a Revolução de 1848*. Coimbra: Livraria Minerva, 1990.
- RIBEIRO, Maria Manuela – *Portugal/Europa – 25 anos de Adesão*. Coimbra: Almedina, 2011.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *2009: (Re)pensar a Europa*. Coimbra: Almedina, 2010.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *A Ideia de Europa. Uma Perspectiva Histórica*. Coimbra: Quarteto Editora, 2003.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *De Roma a Lisboa. A Europa em Debate*. Coimbra: Almedina, 2009.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *Europa em Mutação. Cidadania. Identidades. Diversidade Cultural. Atas do Curso Intensivo 20 de Fevereiro a 2 de Março de 2003*. Coimbra: Quarteto Editora, 2003.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *Ideias de Europa: que fronteiras? Atas do Curso Intensivo 12 a 20 de Fevereiro de 2004*. Coimbra: Quarteto Editora, 2004.

- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *Identidade Europeia e Multiculturalismo. Atas do Curso Intensivo 26 de Fevereiro a 7 de Março de 2002*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *Imaginar a Europa*. Coimbra: Almedina, 2009.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *La sécurité internationale et européenne face à l'explosion des médias globaux*. Bruxelas: s.n., 2004.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *Mare Oceanus. Atlântico – espaço de diálogos*. Coimbra: Almedina, 2007.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *Olhares sobre a Europa. Atas do Seminário Internacional*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.
- RIBEIRO, Maria Manuela; MELO, António Moreira Barbosa de; PORTO, Manuel Lopes (Coords.) – *Portugal e a Construção Europeia*. Coimbra: Almedina, 2003.
- RIBEIRO, Maria Manuela (Coord.) – *Portugal-Brasil. Uma Visão Interdisciplinar do Século XX. Atas do Colóquio 2 a 5 de Abril de 2003*. Coimbra: Quarteto Editora.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares; ROLLO, Maria Fernanda; VALENTE, Isabel; CUNHA, Alice (coords.) – *Pela Paz! For Peace! Pour la Paix!: (1849-1939)*. Bruxelas: Peter Lang, 2014.
- RIBEIRO, Maria Manuela; TORGAL, Luís Reis – «Portugal e a Integração Europeia / Portugal and the European Integration». In *Europa Unita e Didactica Integrata. Storiografie e Bibliografie a Confronto / A United Europa and Integrated Didactics. Historiographies and Bibliographies Compared / Europe Unie et Didactique Intégrée. Historiographies et Bibliographies Comparées*. Siena, Protagon Editori Toscani, 1995, pp. 130-139 e selecção bibliográfica integrada.
- SALAZAR, Oliveira – *Discursos*. Coimbra: Coimbra Editora, 6 vols.
- SANTOS, Boaventura de Sousa – Entrevista concedida ao jornal *I*, 22 de fevereiro de 2016.
- TORGAL, Luís Reis – «Acerca de um «Movimento para a Europa Cultural» com um pouco de ego-história e uma referência a António Reis». In *O Eterno Retorno. Estudos em homenagem a António Reis*. Lisboa: Campo da Comunicação, 2014. pp. 31-36b.
- TORGAL, Luís Reis – *Marcello Caetano, Marcelismo e «Estado Social»*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013.
- TORGAL, Luís Reis – *Estados Novos, Estado Novo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009. (2.ª edição). Sobretudo Tomo I, parte II, cap. 5.